

Esquisto do argumento do livro  
*Why Freud Was Wrong*  
de Richard Webster

Realizado por Pedro Fonseca  
Área C  
Apresentado em 03.03.98 para a cadeira de Epistemologia das Ciências Sociais

Este trabalho é feito essencialmente sobre o livro de Webster *Why Freud Was Wrong* pode parecer que a nossa decisão é desapropriada uma vez que deveria certamente ser um trabalho de epistemologia sobre a obra de um 'cientista' e não sobre um crítico. No entanto, as críticas que se podem fazer à obra de Freud (essencialmente as de Popper) são tão curtas e eficazes que não parece haver um interesse maior em avaliar a teoria de Freud sobre esta perspectiva epistemológica do que avaliar a astrologia ou o mesmerismo. Pelo contrário, se avaliarmos as razões pelas quais o trabalho de Freud teve um impacto tão grande na cultura ocidental deste século encontramos argumentos ricos e originais. E porque não haveria de pertencer à discussão epistemológica as razões que levam à aceitação de uma teoria falsa do mesmo modo que estudamos as que levam à aceitação de uma teoria verdadeira?

É claro que este tipo de trabalho pouco uso pode fazer de uma leitura aturada de Freud, já que ele é um trabalho sobre plausibilidade (e não sobre a cientificidade) das suas teorias no seio de uma certa tradição. Nesta perspectiva só nos arrependemos de não ter atribuído mais tempo à última parte do nosso trabalho que nos parece ser onde se encontram as teses mais interessantes. As outras parte do trabalho tem um interesse meramente pedagógico de desmistificar a imagem e pensamento de Freud.

Dentro deste contexto o livro *Why Freud Was Wrong* de R. Webster, parece ser o mais interessante de analisar (embora seja esgotantemente extenso). Não só parece estar ao corrente de 'tudo' o que foi escrito por e sobre Freud, como apresenta uma argumentação ao mesmo tempo clara, persuasiva, original e céptica que sintetiza, aperfeiçoa e expõe de maneira exemplar muitas das teses que têm sido utilizadas contra e a favor de Freud e que tem o condão de nos 'agarrar' durante um percurso de mais de 500 páginas.

**N.B.** — As notas em numeração romana encontram-se no final do trabalho.

## Índice:

<b>PRÓLOGO</b>	<b>4</b>
<b>A PERSONALIDADE DE FREUD</b>	<b>6</b>
<b>INFÂNCIA</b>	<b>7</b>
<b>SENSIBILIDADE, PRECIPITAÇÃO E FAMA</b>	<b>7</b>
<b>CREDULIDADE</b>	<b>10</b>
<b>A CRIAÇÃO DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO</b>	<b>11</b>
<b>A CONSTRUÇÃO DE UMA PSEUDO-TEORIA</b>	<b>11</b>
<b>O CASO DE ANA O.</b>	<b>12</b>
<b>O DESENVOLVIMENTO DA TEORIA DE FREUD</b>	<b>13</b>
<b>A TEORIA DOS SONHOS</b>	<b>15</b>
<b>PSICANÁLISE E RELIGIÃO</b>	<b>15</b>

### Em síntese:

Segundo Richard Webster, a interpretação do pensamento de Freud mais divulgada até há pouco tempo está errada já que atribui um carácter inovador e profundo a uma teoria que é, na verdade, ortodoxa, superficial e sem qualquer base empírica. Esta incapacidade de analisar correctamente o carácter da teoria atinge o próprio Freud. Os motivos que conduziram à aceitação desta interpretação errada prendem-se com a proximidade teórica entre os modelos de Freud e os da tradição Judaico-Cristã, a personalidade 'messiânica' de Freud e a ausência de alternativas. Na verdade Freud, ocultado por uma terminologia empírica e uma argumentação aparentemente científica, iniciou um movimento religioso, disfarçado de ciência, no qual ocupa o lugar supremo, e cuja coesão doutrinária foi mantida (mesmo depois da sua morte) pela força, pelo medo de expulsão e pela ocultação sistemática de factos históricos.

## Prólogo

A psicanálise freudiana tem sido confrontada, desde o seu aparecimento, e até hoje, mas sobretudo nos últimos vinte anos, com uma crítica acérrima vinda de muitos quadrantes. No entanto, são pouco claras as razões que permitem compreender a motivação de tais críticos. De facto, quando olhamos, quer para a estrutura interna da teoria de Freud, quer para a evidência clínica e de outro tipo que ele apresenta em seu favor, não vemos senão balelas.

Em relação à evidência clínica ou à validade da auto-análise empreendida por Freud, seria natural pensar que a nossa própria 'experiência interior' seria suficiente para desmentir a simplicidade e arbitrariedade com que Freud apresenta os significados que atribuímos às coisas ou a história do nosso desenvolvimento afectivo. Um exemplo típico é o do chamado 'Complexo de Édipo'. É de facto necessária muita imaginação para poder pensar que uma relação tão rica e complexa como a que tivemos com os nossos pais possa ter sido caracterizada de forma tão simplista e desinteressante. Não porque os filhos não sintam desejo pelos pais, os pais pelos filhos, os pais pelos pais, os filhos pelos filhos, e todos pelo(a) vizinho(a) do lado. Parece de facto pouco provável que em dez anos ou mais não haja alguns episódios deste tipo (ou até, dentro de um certo contexto, uma relação onde a atracção física desempenha um papel significativo). Mas é improvável, que estes episódios *em particular* venham a assumir para alguém uma importância capital na vida adulta, e é praticamente inconcebível que esta importância seja extensiva a toda a população ou ao homem em geral. Mas a ideia de que *todas* as crianças atravessam uma fase em que querem substituir um dos progenitores só pode ser caracterizada como um absurdo. Parece de facto muito mais plausível, à luz da nossa experiência pessoal e do nosso contacto com crianças, pensar que a *sexualidade* se desenvolve mais tarde (sobretudo com o desenvolvimento dos órgãos sexuais e com o primeiro parceiro) e que as influências dos adultos e dos pais, na infância, se dão sobretudo a outros níveis. O complexo de Édipo parece representar uma concepção tão irreal como os males que Freud adivinhou na prática excessiva da masturbação (por exemplo).

Por outro lado, parece notório que a teoria de Freud não é uma teoria científica. Tal como Popper pode observar<sup>1</sup> a psicanálise, tal como o marxismo ou a astrologia demarcam-se da ciência pela sua irrefutabilidade, que se expressa por uma capacidade de explicar tudo, e de cada facto, qualquer que seja, poder ser apresentado como uma confirmação da teoria.<sup>1</sup> Elas não nos dizem, portanto, o que vai acontecer, embora se debrucem sobre tudo o que é possível que aconteça. Elas não exprimem um conhecimento mas uma interpretação: são estórias que não permitem previsões mas estimulam atitudes.

A facilidade com que se refuta a teoria de Freud torna inútil e desinteressante o trabalho de refutar uma teoria que parece já ter nascido fracassada. Assim, parece que do livro que aqui analisamos só a Introdução retém interesse. As outras quinhentas páginas parecem um pouco desnecessárias e descontextualizadas. O próprio Webster parece reconhecer o problema:

---

<sup>1</sup> Em 1919 – apenas alguns meses depois de entrar em contacto com a psicanálise. Cf. *Conjectures and Refutations*, pp. 33-9, esp. n. 3.

*“Se o movimento psicanalítico não fosse importante ou se tivesse tido um pequeno impacto intelectual, a pseudo-ciência de Freud poderia ser ignorada ou brevemente rebatida. Mas a influência de Freud na vida intelectual contemporânea tem sido tão grande e as suas suposições psicológicas provaram ser tão duráveis (enduring) que é difícil re-examinar o comportamento sexual humano – ou qualquer outra forma de comportamento humano – sem perceber que a nossa própria percepção desse comportamento está distorcida pela psicanálise.” (12)<sup>2</sup>*

Ou seja, não é tanto para refutar Freud mas para nos refutarmos a nós próprios que embarcamos nesta viagem anti-freudiana. Mas é no mínimo paradoxal pensar que uma teoria tão absurda como esta possa ter conseguido a adesão de grandes pensadores, como Thomas Mann, que a consideraram como uma libertação, e como ela se tornou tão popular e tão enraizada na mentalidade do século XX – afinal talvez sejamos ‘nós’ que estamos errados.<sup>3</sup> Qualquer boa teoria anti-freudiana terá portanto de explicar, não apenas que a teoria de Freud está errada, mas porque é que estes erros, que somos capazes de ver tão facilmente, não foram notados pelos seus seguidores. Só assim, compreendendo as razões da sua adesão, podemos esvaziar a sua autoridade.

E é assustador pensar que, perante a autoridade e a divulgação que a psicanálise hoje possui,<sup>4</sup> e o carácter doentio que atribui a toda a discordância, nos tenhamos tornado todos, por medo, desconhecimento ou falta de imaginação, vítimas de um tal movimento. Tal como Webster afirma é difícil hoje pensar a sexualidade ou qualquer outro tema sem ficarmos enredados nas malhas da psicanálise.

A tarefa central que uma teoria do tipo da do Webster tem, não é, portanto, simplesmente a de reafirmar que a teoria, inventada há cem anos atrás por um velho médico vienense cheio de sonhos de glória, é abstrusa. Pelo contrário, ela deve efectuar esse movimento catártico pelo qual podemos desmontar as *nossas* próprias concepções da sexualidade humana explicando a sua origem, a sua falsidade e o seu real significado e justificação.

Penso que podemos dividir as explicações de Webster em três tipos. Em primeiro lugar, a ausência de alternativas à psicanálise tornou esta como o único lugar onde podemos procurar uma explicação para a imaginação e comportamento típicos do homem: <sup>ii</sup>

*“pode ser afirmado que as razões para o ‘sucesso’ da tradição psicanalítica têm sido quase inteiramente negativas. Se a psicanálise atraiu alguns dos intelectuais mais brilhantes do século XX, não é, acredito, por causa da verdade que as teorias psicanalíticas contêm, ou o seu poder explicativo .... A este respeito pode muito bem ser dito que a teoria incorrecta elaborada por Freud tem sido infinitamente preferível a nenhuma teoria, e no vasto deserto do racionalismo do século XX é pouco surpreendente que muitos tenham visto, na gota de água imaginativa que está contida nas teorias de Freud, um verdadeiro oásis de verdade.”(8-9)*

Em segundo lugar ao papel messiânico que Freud encarnou na tradição psicanalítica, voluntariamente e desde o seu início; e por último o carácter reconfortante e familiar da teoria (apesar de, à primeira vista, parecer aviltante). O tratamento destes três aspectos encontra-se *grosso modo* dividido, sendo cada um tratado numa das três partes do livro. Não iremos abordar a questão das alternativas à teoria de Freud (tratado na última parte). As observações que faz a respeito do estruturalismo também não serão aqui tratadas.

---

<sup>2</sup> Os números entre parênteses referem-se, neste trabalho, à obra *Why Freud Was Wrong*, edição Harper-Collins Publishers, de 1996 (© 1995).

<sup>3</sup> Note-se que a popularidade de uma teoria não é, claramente, um sinal da sua verdade ou plausibilidade. Afinal, a astrologia é muito melhor compreendida e mais amplamente aceite (se bem que às vezes sub-repticiamente) do que a qualquer das teorias físicas actuais. Mas a teoria de Freud não teve apenas uma aceitação popular ampla, ela difundiu-se pela meio académico como se fosse uma teoria que, embora indesejável, não só está acordo com a natureza humana, mas é derivada, de forma incontornável, a partir da experiência clínica.

<sup>4</sup> O próprio Webster afirma que a tradição psicanalítica “*tem todas as razões para ser considerada como mais rica e original do que qualquer outra tradição intelectual individual no século vinte.*” (8). Apesar de, logo a seguir, explicar este sucesso como resultado da ausência de alternativas.

Quanto ao papel messiânico de Freud, tratado na primeira parte, é notório que Webster se preocupa muito em desconstruir a imagem que temos de Freud como um cientista que tenta criar uma teoria plausível perante os mais estranhos factos. Webster cria assim um retrato psicológico alternativo de Freud, em parte baseado em factos históricos, em parte nas suas próprias construções. Apesar da eventual plausibilidade desse retrato, é evidente que qualquer refutação deste tipo será sempre uma refutação *ad hominem*, e nós estamos bem cientes da independência absoluta dos contextos da descoberta e justificação.<sup>5</sup> Reconhecemos que este retrato psicológico pode ser útil para quem tenha uma visão de Freud como a de um messias, mas como escrevemos para um leitor que não tem essa imagem lendária de Freud não nos vamos preocupar muito com este aspecto. Assim, analisaremos a primeira parte do livro de Webster com os olhos postos nas condições objectivas que levaram à formulação das várias teorias de Freud e dando destaque à sua personalidade messiânica apenas na medida em que isso se revela necessário para compreender, mais tarde, a formação e funcionamento do movimento psicanalítico e a ansiedade com que, desde o princípio, aceita como verdadeiras hipóteses ainda não comprovadas.

Na segunda parte do livro de Webster, que nos parece a mais interessante, revelam-se os paralelismos entre o pensamento judaico-cristão e a psicanálise, quer em relação ao mito do Pecado Original, quer em relação ao ritual da confissão e à consequente dependência afectiva que daí resulta para quem é analisado (o paciente ou futuro analista).

## A personalidade de Freud

Webster descreve Freud como alguém que tem uma necessidade incontornável de alcançar o sucesso. Se bem que esta perspectiva esteja divulgada e seja aceite pelos apoiantes de Freud, a intensidade que Webster atribui a esta sede pela fama vai ao ponto de iludir sistematicamente Freud acerca da justificação real das suas teorias. Porque o seu desejo por trazer a verdade, ou mesmo a salvação, à humanidade, e, sobretudo, a *certeza* de que será escolhido para revelar um grande acontecimento, são tão intensos que vê em cada hipótese uma descoberta, e numa teoria mal comprovada a salvação.

*“Os sentimentos de certeza de Freud acerca da sua própria fama eventual parece ser completamente independente dos seus triunfos. Se queremos ter alguma hipótese de compreender a biografia íntima de Freud precisamos de considerar com algum detalhe o que é que está por trás deste apetite pela fama, e perguntar em que medida a necessidade compulsiva de Freud pela fama pode ter engendrado as suas teorias psicológicas, em vez de (rather than), como é normalmente assumido, serem as suas teorias a gerar a sua fama pela sua própria profundidade e acuidade intelectual.”*  
(34)

Esta perspectiva psicológica sobre Freud é em parte justificada pela sua infância, mas, é sobretudo a atitude de Freud perante os seus sucessos e fracassos, a pressa que demonstra em estabelecer como verdades teorias ainda em estado larvar, a idolatrização dos seus mestres, as confissões que faz à sua noiva e as tentativas sistemáticas que faz para re-escrever o seu passado e ocultar os seus erros, que tornam plausível e quase necessário admitir que Freud estava mais preocupado em alcançar a fama do que a verdade. O que se justifica se pensarmos que Freud se achava incumbido de alguma missão divina e não tinha portanto grandes dúvidas sobre a verdade de uma teoria quando certas coincidências a colocavam no seu caminho. Era a realização do seu destino. Este carácter ‘messiânico’ é também consistente com a actuação de Freud em relação à formação do movimento psicanalítico. Portanto, quando consideramos a infância de Freud, julgo que não a devemos considerar como a base da qual se deriva o retrato psicológico de Freud, mas como uma explicação ou justificação de um retrato cujos traços podem ser encontrados abundantemente no seu percurso como investigador.

---

<sup>5</sup> Seguindo a linha que Popper estabelece no início da sua *Logic of Scientific Discovery*. É evidente que Webster aceita também esta distinção (por exemplo, fala varias vezes do exemplo de Newton), o seu objectivo não é refutar a teoria denegrindo o homem mas permitir uma análise objectiva dos méritos da psicanálise libertando-nos do peso da idolatria.

## **Infância**

A relação que Freud manteve com os seus pais está longe de ser vulgar. Segundo Webster, ela caracteriza-se por dois aspectos: por um lado pela certeza dos pais de Freud de que o futuro do seu filho predilecto iria ser invulgar e grandioso.

*“/He had been born in a caul<sup>6</sup> e a sua mãe tomou imediatamente isso como um presságio da sua futura fama e felicidade. Uma velha mulher que por acaso encontrou numa loja confirmou a sua sensação, dizendo-lhe que ela trouxera ao mundo uma criança que se tornaria um grande homem. ... como seu filho mais velho, ele [Freud] iria permanecer o seu favorito até ao fim da vida.” (34)*

Por outro lado, a admiração de ambos os pais pela destino glorioso do filho,<sup>7</sup> certificado pela distinção que este obteve nos estudos e concretizado pela submissão de todos os interesses da família ao interesse maior do estudo de Freud, não impediu o seu pai de considerar que o dever máximo do seu filho consistia no respeito às opiniões do pai. Segundo Webster, Freud iria, na sua vida adulta

*“procurar lançar-se no papel de rebelde. Mas parece que o seu medo de rejeição era tal que ele teve o cuidado de esconder secretamente uma conformidade subjacente [underlying conformity] mesmo abaixo da superfície da sua ciência aparentemente rebelde.” (35)*

Embora as especulações de Webster possam não ter grande justificação empírica, e a sua análise psicológica<sup>8</sup> das consequências, para a criança, de uma atitude dos pais tão centrada no sucesso, possa parecer frágil, parece bastante evidente, até por algumas afirmações de Freud que este estava muito preocupado com o seu sucesso, não com um sucesso vulgar mas um sucesso extraordinário, e que essa preocupação em parte moldou a sua vida. O que Webster acrescenta é que essa sede de fama era muito mais intensa e necessária a Freud do que podemos pensar (e do que o próprio Freud tinha consciência).

## **Sensibilidade, precipitação e fama**

Mas, se na infância de Freud encontramos uma explicação para a sede de glória, é na sua actividade científica que vemos melhor essa sua faceta concretizada. Note-se que génios como Newton ou Kepler tinham concepções bastante loucas sobre as suas teorias. Kepler quase só por acaso esbarrou com a formulação das suas três leis que têm hoje o seu nome e que permitiram mais tarde a Newton, reduzir duas dessas leis a apenas uma construindo a sua teoria da gravidade.<sup>iii</sup> No entanto, tanto Kepler como Newton (como Galileu<sup>9</sup>) – independentemente do chamamento divino de Newton ou da inspiração e da certeza que Kepler sentiu quando lhe foi ‘revelada’ a teoria dos cinco sólidos – não hesitaram em considerar falsas as teorias que não conseguiram fazer coincidir com os factos.

---

<sup>6</sup> Não conseguimos traduzir esta passagem já que ‘caul’, segundo os dicionários que consultámos, designa ou o saco que envolve o líquido amniótico, ou uma parte do corpo ligada ao estômago. Pelo que a passagem não parece possuir um sentido claro.

<sup>7</sup> Muito mais tarde, no seu trigésimo quinto aniversário, Freud receberia uma carta do seu pai que revela em parte as expectativas que eles tinham em relação ao seu filho pródigo: *“My dear Son, it was in the seventh year of your age that the spirit of God began to move you to learning. I would say the spirit of God speaketh to you ... Thou hast seen in this book the vision of the Almighty, thou hast heard willingly, thou hast done and hast tried to fly high upon the wings of the Holy Spirit.” (43)*

<sup>8</sup> Cf. pp. 35-9.

<sup>9</sup> As coisas não são tão claras em relação a Galileu, cuja necessidade de fama parece em muitas alturas ter tolhido o seu raciocínio crítico. Note-se que a teoria pela qual Galileu veio mais tarde a ser reconhecido – a sua dinâmica – foi um trabalho de juventude a que Galileu não deu muita importância e que só viria a publicar na velhice. A sua obra mais polémica é talvez a crítica aberta que estabelece ao poder instituído e pela qual, a pretexto de questões científicas, viria a ser julgado pela Igreja. (A ideia de que a Inquisição teria um interesse específico em manter vigente a teoria geocêntrica parece pouco plausível. Cf Koestler, *op.cit.*)

Freud parece ter tido um comportamento oposto. Em vez de considerar que é a experiência que promove ou destrói uma teoria, e que é segundo os resultados empíricos que devemos reger a nossa aliança ou desconfiança pelas teorias, parece ter dado, ao longo da sua vida, um lugar quase exclusivo à sua própria intuição na descoberta da verdade.

O primeiro momento em que isso se torna visível é naquilo que hoje se chama o ‘episódio da cocaína’. Neste caso, Freud, tendo ouvido falar num jornal médico da possível utilização da droga para suprimir a dependência da morfina, decidiu experimentá-la, em Maio de 1884, nele próprio e no seu amigo Ernst von Fleischl-Marxow, que na altura, estava já dependente da morfina. Ao fim de um mês, Freud escreveu um artigo no qual defendia a utilização da cocaína, o facto de a sua utilização não provocar dependência e constituir um meio efectivo de combater a dependência da morfina. Mas, nessa altura, era ainda cedo para avaliar os efeitos que o consumo da droga teria em Fleischl-Marxow: alguns anos mais tarde este viria a morrer devido ao consumo, quer da morfina, quer da cocaína. O que é espantoso não é apenas a pressa em publicar o artigo sem ter ainda todos os factos na mão. Mais espantoso é que alguns dos factos apresentados por Freud foram forjados. Por exemplo, no seu artigo Freud refere o caso de um paciente que, ‘depois de dez dias foi capaz de dispensar totalmente o tratamento com cocaína’.<sup>10</sup> Mas o único paciente que Freud tinha na altura era o próprio Fleischl-Marxow. Tal como Webster afirma:

*“Freud, por outras palavras, afirmou que um dos seus pacientes tinha sido curado quando nenhuma cura teve lugar, e numa altura em que ainda era demasiado cedo para julgar se alguma cura poderia ter tido lugar.” (49)*

Esta fuga aos factos é aprofundada já que, em Abril de 1885, com o conhecimento de Freud, Fleischl-Marxow estava já a consumir grandes quantidades de cocaína (1800 marcos em três meses) destruindo-lhe a saúde. Mas um mês antes,

*“Freud leu um artigo perante a Sociedade Psiquiátrica no qual descreveu um caso – claramente o de Fleischl-Marxow – de ‘rápido abandono da morfina pela influência da cocaína’. E continuou afirmando que o hábito tinha sido curado em vinte dias e que ‘não foi registada qualquer dependência da cocaína’.” (49)*

O mais extravagante é que, em Agosto desse ano este artigo era publicado enquanto que, em 8 de Junho, Freud escrevia à sua noiva alertando-a para não consumir a droga, relatando o caso de Fleischl-Marxow e os perigos que o uso da cocaína continha. Enquanto que, no artigo lido em Março e publicado em Agosto, Freud defendia que a cocaína era uma cura eficaz contra a dependência de morfina e aconselhava a administração injectável da droga. A interpretação que Freud dá do caso em *A Interpretação dos Sonhos*, mostra como a mentira foi persistente, já que, referindo-se a Fleischl-Marxow, fala do seu:

*“amigo, agora morto, que recorreu tão apressadamente a injeções de cocaína. Como já afirmei, eu nunca pus a hipótese de a droga ser administrada por injeções” (48)*

O que este caso mostra é que Freud, na elaboração da teoria, ignora os factos que a poderiam comprovar ou destruir (a teoria foi publicada antes de poder ser confrontada com os seus resultados práticos). E que, quando é obrigado a reconhecer que a teoria é falsa, para proteger a sua reputação, está disposto não só a ignorar mas a ocultar os factos.

Algo parecido aconteceu com a chamada teoria da sedução, desenvolvida em 1895. Mas que Freud dois anos depois reconhecia, numa carta de 21 de Setembro de 1897, ao seu amigo Fliess, que estava errada:

*“E agora quero confiar-te imediatamente o grande segredo que tem vindo lentamente a descer sobre mim nos últimos meses. Eu já não acredito na minha neurotica [teoria das neuroses]. Isto provavelmente não é inteligível sem uma explicação; apesar de tudo tu próprio achaste credível o que eu fui capaz de te dizer. Portanto irei começar historicamente [e dizer-te] de onde provém as razões da descrença. O contínuo desapontamento dos meus esforços para trazer uma única análise a uma conclusão real; o afastamento de [pacientes] ...; a ausência do sucesso completo com que*

---

<sup>10</sup> Citado em Webster, p.49.



*contava, a possibilidade de explicar a mim mesmo o sucesso parcial de outras maneiras, pelo modo habitual”<sup>11</sup>*

No entanto, só em 1905 Freud estava disposto a conceder publicamente que alguns aspectos da sua teoria da sedução poderiam necessitar de uma revisão e só em 1915 recusou totalmente a teoria. Outra semelhança reside no facto de, apesar de confessar a Fliess, em diversas ocasiões que não conseguiu ser bem sucedido em qualquer dos casos que tentou resolver através da sua ‘Teoria da Sedução’, ter apresentado em 1896 um artigo no qual afirmava ter tido ‘sucesso terapêutico’ em mais de um caso.<sup>12</sup> O padrão repete-se também pela tentativa de re-escrever a história, quando, mais tarde, Freud tenta suprimir os dois lados da correspondência que manteve com Fliess.<sup>13</sup> Em ambos os casos se repete o desrespeito pelos factos e a tentativa de re-escrever a história.

Outro aspecto para que Webster chama a atenção diz respeito à sensibilidade de Freud, ou à sua argúcia. Em relação ao ‘episódio da cocaína’, além de referir propriedades para a droga que esta não possuía, Freud foi incapaz de se aperceber das propriedades anestésicas que a cocaína, realmente, produz. Segundo Webster isto acontece porque Freud se tornou obcecado pela ideia de encontrar na cocaína uma ‘*world-redeeming panacea*’, Webster continua afirmando que

*“devido à sua necessidade compulsiva de descobrir uma floresta, ele não viu a única árvore importante. Além disso, Freud levou muito tempo a retirar a sua ênfase pela ideia da cocaína como uma terapia milagrosa.” (48)*

Esta insensibilidade a factores relevantes é algo que atravessa muito mais acentuadamente a prática clínica de Freud. Porque um dos factores que permanece mais ou menos constante através da sua prática clínica é a sua aparente insensibilidade à possibilidade de explicar por factores físicos os sintomas de que os seus doentes se queixam. Webster relata vários casos em que isso acontece. Não se trata de casos como os de Ana O., que nem Freud nem Breuer poderiam considerar como do foro neurológico, visto que não havia ainda na altura um diagnóstico que atribuisse os sintomas a causas neurológicas.<sup>14</sup> Tratasse de doenças cujas causas orgânicas seriam reconhecidas por médicos contemporâneos de Freud, mas que ele, procurando aperfeiçoar a teoria sobre a origem da histeria que retirou de Breuer e Charcot, ignorava.

Mas esta insensibilidade tem ainda um outro aspecto, talvez mais grave para a história da psicanálise, é que ela aplica-se também a razões meramente psicológicas. Ou seja, Freud estaria anestesiado para todo o tipo de evidências, físicas ou psicológicas, que não encaixassem directamente na sua teoria da altura, qualquer que ela fosse. Um desses casos é o de Frau Emmy, cujo diagnóstico ignorou desde o princípio a *possibilidade* e plausibilidade de causas orgânicas. Mas o que é mais assustador é que, tal como no caso de Ana O. é hoje consensual que não houve lugar a cura (embora ela tenha sido anunciada enfaticamente por Freud e Breuer), também no caso da primeira paciente de Freud parece não ter havido lugar a uma cura mas apenas a abrandamentos esporádicos dos sintomas que Freud atribuiu aos seus métodos hipnóticos.<sup>15</sup> Quando analisamos detalhadamente os vários casos que Freud analisou depois do seu contacto com Breuer é difícil não pensar que o ‘episódio da cocaína’, longe de ser um caso isolado, constituía o *modus operandus* de Freud na investigação científica, organizada, não com o fim de descobrir a verdade mas de alcançar a fama.<sup>16</sup>

---

<sup>11</sup> Citado em Webster, p.214.

<sup>12</sup> V. Webster p. 206-7.

<sup>13</sup> Webster discute este aspecto nas pp.218-20.

<sup>14</sup> Para uma discussão do caso de Ana O. ver o capítulo 4, e, a respeito da causa orgânica da sua doença, especialmente as pp.114-21.

<sup>15</sup> Cf Webster, pp.144-54.

<sup>16</sup> Esta necessidade de fama é revelada claramente pela ‘facilidade’ com que Freud fazia diagnósticos, para um exemplo extremo v. pp.156-7. Também é notória em muitas das cartas de Freud à sua esposa, v. por exemplo, p. 33.

## Credulidade

Uma das características mais relevantes da personalidade de Freud residia na sua capacidade para idolatrar os seus mestres. Isso é notório não só em relação a Charcot mas também em relação a Breuer e, sobretudo, a Fliess. É hoje reconhecido que as teorias de Charcot que envolvem a hipnose e a histeria são falsas. No entanto é Charcot que desenvolve a ideia de que

*“as ideias se podem alojar numa parte inconsciente da mente onde podem ser realmente transformadas em sintomas corporais” (99)*

E Freud adopta esta ideia como uma revelação transportando-a de Paris para Vienna. Mas talvez seja a relação entre Freud e Fliess a mais reveladora, quer da personalidade de Freud quer do carácter da psicanálise. Que Freud mais tarde tenha negado esta intensa relação de admiração, que conheceu o seu pico precisamente quando Freud escreveu a *Interpretação dos Sonhos*, é evidente, já que, além de ter tentado suprimir a correspondência entre os dois, refere este período como um de ‘isolamento esplêndido’ (217, 220), quando na verdade, as suas cartas a Fliess sugerem

*“uma atitude de reverência e submissão, e um olhar para o seu jovem colega em quase cada passo, em busca de orientação, conselho e iluminação científica.” (220)*

A relação entre Freud e Fliess começa em 1887 e prolongar-se-á por um período de mais de quinze anos. As teorias de Fliess são, no entanto, bastante estranhas. Em primeiro lugar Fliess estabelece aquilo que chama de ‘neurose do reflexo nasal’. Assim, um conjunto de doenças poderia ser tratado por uma aplicação de cocaína às mucosas do nariz ou, em último caso, pela remoção da ‘concha nasal’ (*turbinate bone*). Apesar de este sintoma não ter uma explicação mas ser uma mera constatação derivada da aplicação de cocaína, é evidente que Freud aceitou sem reticências esta teoria não só porque se submeteu pessoalmente a este tipo de ‘cocainização’ para evitar as enxaquecas, como submeteu uma sua paciente ao tratamento final da remoção da concha nasal; uma operação que, devido à inexperiência operatória de Fliess por pouco (i.e. dividido à intervenção de um cirurgião amigo de Freud) não resultou na morte da paciente.

No entanto, a teoria mais extraordinária de Fliess reside certamente na matematização da ‘periodicidade biológica’. Assim, Fliess ‘demonstrou’ que todos os acontecimentos da vida de uma pessoa se achavam interligados por dois números: o 23 e o 28 (retirados do ciclo menstrual).

*“Na perspectiva de Fliess os períodos de 23 e 28 dias determinavam todos os estádios do crescimento dos seres humanos, incluindo a sua data de nascimento, as datas das suas doenças e a data da sua morte. ... De facto, através deles, a vida orgânica poderia ser relacionada com o movimento das estrelas .... Uma das maneiras pelas quais tentou provar a verdade das suas teorias consistia em assinalar datas cruciais da vida de alguns indivíduos e mostrando depois que elas estavam relacionadas umas com as outras. E ele fazia isso efectuando várias operações aritméticas usando não apenas os números 23 e 28 mas também a sua soma (51) e a sua diferença (5). Eventualmente concedeu também uma importância equivalente aos quadrados e cubos destes números, ao seu produto e a outras transformações aritméticas deles.” (222)*

É interessante pensar que Freud tenha simpatizado com esta teoria já que ela apresenta uma semelhança muito grande com as teorias do próprio Freud. De facto, a teoria de Fliess podia ser usada para prever qualquer resultado pretendido, e a partir de quaisquer dois números escolhidos ao acaso (e não apenas 23 e 28). A dificuldade que Freud sentiu para ver isto, mesmo depois de vários anos – uma dificuldade que não foi partilhada por muitos dos seus contemporâneos – é esclarecedora da visão que tinha da ciência, não como uma actividade crítica cujo fim é a verdade, mas como uma oportunidade para produzir explicações abrangentes e alcançar a fama.<sup>iv</sup>

Por outro lado, Fliess teve também um papel fundamental na formulação da teoria da sexualidade de Freud uma vez que Fliess aplicou a teoria bio-genética de Haeckel à sexualidade infantil e

*“em quase todos os estádios do seu desenvolvimento, a teoria de Freud da sexualidade infantil estava ligada e dependente da ‘lei bio-genética’ de Ernst Haeckel.” (229)*

Iremos abordar a plausibilidade da teoria de Haeckel mais à frente, o que é interessante salientar aqui é que Freud parecia considerar Fliess como uma espécie de messias (Cf. pp. 226-8), e que

é esta *autoridade* de Fliess que concede plausibilidade à teoria da evolução da sexualidade infantil de Haeckel. De facto, parece que Freud considerava as conversas com Fliess quase como revelações.

Aquilo que se conclui da actividade teórica de Freud é a sua necessidade de encontrar a grande explicação que lhe trouxesse a glória porque ansiava. Esta necessidade, fruto sem dúvida de alguma insegurança, não levou Freud a questionar criticamente as suas teorias ou as dos outros. Pelo contrário, Freud procurou sempre as teorias com mais poder explicativo, independentemente da sua vulnerabilidade à falsificação. E isto pode ser talvez explicado pela sua infância, sobretudo pela confiança tão directa e confiante da sua mãe no seu sucesso futuro. Como a ênfase não foi posta na obtenção da verdade mas do reconhecimento social, é provável que Freud pensasse ter atingido o seu fim pelo simples reconhecimento pelos outros do seu génio, independentemente da correcção da sua visão. Encontramos precisamente a perspectiva oposta em pensadores como Aristarco, Kepler ou Einstein, cujo sucesso parecia ser apenas uma condição auxiliar de felicidade.

### ***A criação do movimento psicanalítico***

Talvez a confirmação mais pública e irrefutável deste retrato psicológico de Freud seja o modo como conduziu a formação do movimento psicanalítico. Depois de uma fase de relativo isolamento que continuou depois de publicada a sua obra *A Interpretação dos Sonhos*, Freud emerge lentamente do anonimato, quer pela sua nova posição académica (que atingiu de modo pouco dignificante), quer pela progressiva divulgação do livro, aliado agora à sua recente autoridade.

Os discípulos que rodeavam agora Freud entravam numa espécie de clube no qual a condição essencial era a adoração do líder (Freud) e a ausência de críticas severas. Como Webster aponta, a condição essencial para a entrada no clube não era o conhecimento mas a submissão. A inobservância destas condições levava inevitavelmente à expulsão (ou excomunhão) do membro, que era depois insultado em relação às suas capacidades teóricas e/ou morais. O diagnóstico tornava-se assim uma arma acusatória.

Esta tentativa de assegurar um pensamento ortodoxo com base, não na prática clínica mas no carisma e na autoridade mostra que Freud, apesar de muito provavelmente não questionar a *verdade* das suas teorias, compreender, consciente ou inconscientemente, que outras teorias opostas poderias ser igualmente justificadas perante a mesma prática clínica.

Mas se este desejo de Freud, de manter toda uma tradição na sua esteira, foi conseguido, é claro que isso não se deve apenas à sua personalidade mas a algo mais forte: o poder da confissão. Mas esse é um aspecto que só abordaremos na última parte do nosso trabalho. Para já, vamos passar à análise da base empírica da teoria.

### **A construção de uma Pseudo-Teoria**

Vimos já como Freud era susceptível ao poder explicativo que é possível alcançar facilmente se nos desligarmos das possíveis contrariedades que a experiência nos pode oferecer. É uma espécie de *doping* que permite a construção dos aparelhos teóricos mais mirabolantes. Vamos agora ver como, na prática, isso foi conseguido.

O pensamento de Freud atravessa várias etapas. Começa por seguir a teoria hipnótica de Charcot segundo a qual problemas físicos (como paraliasias e outros) poderiam ser provocados por traumas psicológicos. Depois introduz o método catártico de Breuer e, como extensão desse método, que exigia que houvesse uma *repressão* de certas memórias, chega à teoria da sedução segundo a qual a histeria seria provocada quase sempre por uma violação do pai na infância. Esta teoria é depois abandonada e substituída por uma teoria adaptada da teoria de Haeckel e Fliess sobre os vários estádios da sexualidade infantil. E finalmente temos a teoria do Inconsciente e a

teoria da Interpretação dos Sonhos.<sup>17</sup> Nem a teoria de Charcot nem a da sexualidade infantil têm uma base científica sólida. Como Webster aponta Charcot fez inúmeras contribuições para a ciência, tendo alcançado um estatuto notável, mas foi quando se dedicou ao estudo da histeria que deu os primeiros passos no que viria a ser uma viagem sem regresso à afirmação da sua própria incompetência científica. Provavelmente porque se dedicou ao estudo de uma doença inexistente, a qual só hoje podemos compreender adequadamente – com o auxílio de novas ferramentas (melhores microscópios, etc.) – como o resultado de lesões neurais. No entanto, a busca pelo sucesso fez com que Charcot se enredasse cada vez mais num labirinto de erros e caminhos sem saída até que:

*“O único meio satisfatório de resolver este problema [ligado à cura da histeria através da hipnose] teria sido dismantelar todo o bem elaborado edifício que ele passara tanto tempo a construir, e começar de novo.” (93)*

Foi a esta actividade que Kepler se dedicou tantas vezes até ao fim da sua vida. Mas Charcot, talvez seduzido pela sua própria autoridade, foi incapaz de fazer isto. As soluções que encontrou foram completamente ignoradas mais tarde e permanecem apenas através do trabalho de Freud. Essas soluções consistem por um lado em afirmar que a histeria pode ser curada pela hipnose e é causada por ‘um grande descontentamento’ (98) que leva por vezes à morte. Como Webster afirma esta teoria não é nova e estava enraizada na superstição e ignorância, e só parcialmente tinha sido erradicada com o aparecimento da teoria de Pasteur e Koch que afirmavam que qualquer doença é produto da infiltração de um micro-organismo. É esta tese mística que vai levar à afirmação que já citámos na p. 9.

Por outro lado, embora a tese de Breuer seja, até certo ponto, plausível, já que o método catártico pode certamente proporcionar um maior conforto em muitas situações psicológicas, parece inteiramente bizarro que ele possa explicar os sintomas de Ana O. Tal como Webster discute, num longo capítulo, o que a história de Ana O. mostra é o resultado que podemos obter quando tentamos explicar uma doença que não compreendemos com uma explicação falsa e sem respeitar as contra evidências.

### **O caso de Ana O.**

O caso de Ana O. é extremamente importante, porque, se a explicação que Breuer e Freud construíram do caso fosse verdadeira seria pelo menos plausível que, de facto, problemas físicos como a paralisia, a tosse, a dupla visão, distúrbios na audição e na fala e o estrabismo<sup>18</sup> pudessem ser explicados por memórias reprimidas. É interessante notar que nenhum outro caso deste tipo conseguiu ser resolvido por métodos psicanalíticos, a não ser aqueles que são resolvidos no interior de uma Igreja, e que estão directamente associados a milagres.

Note-se de passagem que é quase impossível que o método catártico não trouxesse algumas melhorias emocionais a Ana, o que pode explicar o desaparecimento de alguns sintomas claramente emocionais (como o facto de se recusar a beber água ou retirar as meias para dormir – Cf. pp.122-3) mas Freud e Breuer não alegavam esta teoria simples e trivial mas uma relação, retirada de Charcot, que permitia conceber doenças físicas como o resultado de uma disposição mental.

Tem havido algumas tentativas de explicação neurológica dos sintomas de Ana O. De facto, quer seja neurológica ou não, somos sempre enfrentados com algumas perplexidades. Em primeiro lugar é difícil encontrar uma doença neurológica que encaixe perfeitamente com os sintomas de Ana O. Webster refuta a versão de Thornton:

*“Infelizmente para o argumento céptico contra Freud e a psicanálise, a sua afirmação [de Thornton] de que a doença de Ana O. era ‘quase um caso clássico’ de meningite tuberculosa é*

---

<sup>17</sup> Nesta perspectiva, a análise dos lapsos de linguagem e dos ditos de espírito são desenvolvimentos derivados das teorias fundamentais de Freud, concebidos já depois das suas teorias mais elementares estarem prontas. Webster parece também não atribuir grande importância à divisão da mente em três instâncias, considerando-a como um refinamento da visão original de uma entidade Inconsciente com a sua própria linguagem e instrumentos de repressão independentes da vontade.

<sup>18</sup> Para uma descrição dos sintomas ver Webster, pp.106, 113

*simplesmente não verdadeiro. ... A implausibilidade médica do re-diagnóstico específico de Thornton foi um dos factores que permitiram aos críticos [reviewers] ignorar o seu livro tão facilmente quando ele apareceu.” (118)*

No entanto, continua Webster, esses críticos ‘estavam a fazer o mesmo tipo de generalizações apressadas e confiantes de que acusavam Thornton.’ Porque há um conjunto de sintomas que Ana apresentava e que são encontrados em desordens neurológicas. Webster apresenta outras soluções; entre elas, a melhor parece ser a de Orr-Andrawes (epilepsia do lóbulo temporal), que não está sujeita aos mesmos problemas que a proposta de Thornton e explica um conjunto de sintomas que Freud e Breuer trataram como circunstanciais.

Mas, se quando consideramos a hipótese de que os sintomas de Ana têm uma explicação meramente psicológica somos obrigados a ir contra a actual experiência médica, se considerarmos que estes problemas tinham uma raiz neurológica ficamos com outro problema nas mãos: o de saber como conseguiu Breuer curar pelo método catártico uma doença cerebral.

É entre estes dois problemas que temos de escolher. Mas a resposta é mais ou menos evidente se considerarmos os seguintes dois aspectos.

Não houve uma recuperação total de Ana, e é difícil saber se alguns dos seus sintomas desapareceram na totalidade. No entanto, no artigo escrito por Freud e Breuer é afirmado que todos os sintomas desapareceram na totalidade.<sup>19</sup>

O critério que preside à obtenção das ‘verdadeiras’ memórias reprimidas tem a ver com o desaparecimento dos sintomas. O que significa que, se depois de uma experiência catártica os sintomas não desaparecem, volta-se a tentar nova experiência até que desapareçam. O que assegura que, se eles eventualmente desaparecerem ou abrandarem por si próprios, o sucesso do tratamento será sem dúvida atribuído ao método catártico. (cf. pp.125-7)

Portanto, a única coisa que precisamos de admitir é que a doença de Ana estava de algum modo em remissão e que o método catártico foi (inconscientemente) uma maneira e um pretexto de Breuer e Ana aprofundarem uma relação que ambos desejavam. Muitas vezes, nas suas notas mas não no artigo publicado, Breuer reconhece que houve um desaparecimento progressivo dos sintomas, por vezes independentemente do método catártico.

O que nos leva a pensar que a descrição que Freud e Breuer fizeram do caso foi um processo de auto-ilusão transportado aos seus leitores. Que Freud não duvidou da sua própria interpretação do caso parece bastante claro, e é isso, de alguma forma, que justifica a sua actuação posterior.

## **O desenvolvimento da teoria de Freud**

Quando analisa o primeiro caso de Freud, Webster torna claro algumas coisas. Em primeiro lugar não é claro que Freud tenha conseguido resolver o caso (a paciente certamente acha que não). Mas aquilo que nos interessa aqui analisar são outros dois aspectos. Primeiro o facto de Freud ter ignorado a explicação mais simples para o facto, visto que os sintomas da paciente permitiam inscrevê-la facilmente como sofrendo da desordem de Tourette. Em segundo lugar, a revelação das memórias escondidas da paciente não foram livremente desveladas pela paciente mas ‘descobertas’ por Freud num esforço mais de imaginação do que de dedução. O primeiro aspecto pode ser explicado recorrendo ao retrato psicológico de Freud que já traçamos, limitamo-nos pois a constatar que o padrão de ignorar explicações simples para tentar alcançar uma explicação de tudo aplica-se igualmente, desde o primeiro caso de Freud.

Em relação ao segundo aspecto, ele torna-se visível pela própria descrição que Freud faz do caso. Já que Freud admite que o critério que permite separar as revelações verdadeiras das falsas é a cura do doente:

*“Acostumei-me a mim mesmo a encarar como incompleta qualquer história que não trouxesse qualquer melhoria terapêutica, e, gradualmente, tornei-me capaz de ler na cara dos pacientes se eles estavam ou não a esconder uma parte essencial da sua confissão.” (147)*

---

<sup>19</sup> Note-se que, entre os problemas de que Ana continuava a sofrer conta-se uma dependência à morfina. Cf. Webster, p.112.

Tal como Webster nota logo a seguir, isso desloca a *culpa* do falhanço do tratamento do médico para o paciente: se eles não “ficassem melhor, isso era culpa *deles* por terem falhado em revelar o seu passado com suficiente detalhe e com suficiente honestidade.”

Ora, estes dois factores associados fazem com que seja tarefa do médico vencer os receios e resistências do doente, apontando-lhe o caminho da verdade e, caso o doente não o siga espontaneamente, obrigá-lo a reconhecer a verdade, mesmo contra a sua própria vontade. Esta supremacia do psicanalista na ausência de uma cura cuja responsabilidade é do paciente, leva às situações mais caricatas. Pois Freud passa agora de médico a inquisidor e vê em cada gesto, em cada olhar, a assunção da culpa por parte do doente, uma culpa que tem de ser assumida para ver o seu efeito eliminado.<sup>20</sup>

Esta situação é mais evidente em alguns casos (uma vez que na maior parte dos casos só temos as declarações de Freud para tentarmos reconstituir as consultas temos de esperar que seja ele próprio a caracterizar este método). O caso de Elisabeth von R. é revelador de muitos aspectos da técnica psicanalítica de Freud.<sup>21</sup> Referindo-se à paciente Freud afirma:

*“Eu já não aceitava a sua declaração de que nada lhe tinha ocorrido, em vez disso assegurava-lhe que algo lhe devia ter ocorrido. Talvez, disse-lhe, ela não estivesse a ser suficientemente atenta, e nesse caso eu ficaria contente por repetir a minha pressão.<sup>22</sup> Ou talvez ela pensasse que a sua ideia não era a adequada. Isto, disse-lhe, não era da sua conta; ela estava dentro da obrigação de permanecer completamente objectiva e dizer o que quer que lhe viesse à cabeça, quer isso fosse apropriado ou não. Finalmente declarei-lhe que sabia muito bem que algo lhe tinha ocorrido e que ela estava a escondê-lo de mim; mas ela nunca iria ficar livre das suas dores enquanto me escondesse algo. Insistindo desta maneira eu consegui que, dessa altura em diante, a minha pressão na sua cabeça nunca falhasse o seu efeito.”<sup>23</sup>*

Mas Freud não se limita a forçar o aparecimento da verdade, ela imagina a ‘verdade’ e confronta-a depois com o olhar do doente.<sup>24</sup> Não é estranho ver pelas suas descrições que raramente eles os conseguem convencer de que a sua imaginação está errada e de que as suas propostas de explicação são de todo falsas, mesmo a alegação de que “ao contrário de outro material esquecido, eles não têm qualquer sentimento ou memória destas cenas [chocantes]” (202) está longe de o conseguir demover. O mais curioso é que as fantasias que Freud projecta nos seus pacientes tem uma explicação quase caricatural: no caso de Dora, o seu retículo

“não era senão uma representação dos genitais, e o facto de brincar com ele, de o abrir e por o seu dedo dentro dele, é uma maneira inteiramente desembaraçada mas um inegável [*unmistakable*] anúncio em forma de pantomina, do que ela gostaria realmente de fazer com eles – nomeadamente, de se masturbar.” (199)

Esta afirmação de Freud poderia parecer ridícula se não fosse tantas vezes repetida em diferentes circunstâncias e de forma igualmente descabida e ofensiva. Não temos também qualquer razão para acreditar que Elisabeth von R. tivesse dado verdadeiros indícios a Freud de que estava secretamente apaixonada pelo cunhado. E, depois de desenvolver a sua teoria da sedução o resultado torna-se ainda mais caricato pois Freud é levado a caracterizar cada paciente como tendo sofrido violações quando era criança. Embora isto em si mesmo não seja absurdo o comportamento de Freud ultrapassa as fronteiras do aceitável quando – depois de o pai de uma sua paciente ter jurado não ter abusado sexualmente da filha (do que ela, obviamente, não se lembrava) – atesta que, ela “atesta a sua identificação com ele tornando-se desonesta e jurando falsas juras.” (208). O método pelo qual Freud chega a esta conclusão é também característico. Neste caso,

---

<sup>20</sup> A catarse, ou a purificação do doente, é assim, no consultório do psicanalista, este processo doloroso pelo qual alguém reconhece com esforço que é o autor de pensamentos ou actos que ele próprio gostaria de não ter feito. É esta assunção da culpa que permite a purificação.

<sup>21</sup> Este caso, um dos mais reveladores, é apresentado nas pp. 160-7 do livro de Webster.

<sup>22</sup> Trata-se, é claro, da técnica de associação espontânea de pensamentos desenvolvida por Freud que envolvia o pressionar do crânio para aumentar a concentração.

<sup>23</sup> A citação é feita por Webster, p.161. É provável que o itálico seja da responsabilidade do próprio Webster.

<sup>24</sup> Segundo Freud “não precisamos de ter medo de dizer ao paciente qual será a ligação que pensamos que ele fará em seguida” uma vez que a verdade vem sempre ao de cima (163).

Freud chega à conclusão de que a sua paciente foi vítima de uma agressão sexual quando esta a escrever uma carta para Fliess, podemos portanto acompanhar o seu raciocínio:

*“Ele [Freud] descreve uma paciente do sexo feminino que tinha um impedimento de fala e que sofria também de um eczema à volta da boca e de lesões no canto da boca. Tendo notado que estas lesões eram causadas por saliva que se acumulava durante a noite, Freud nota que, ‘Já anteriormente expliquei observações inteiramente análogas ao chupar num pénis.’ Depois afirma que a inibição do discurso apareceu primeiro com a idade de doze anos quando ‘com a boca cheia, ela estava a fugir de uma professora’. Notando que o seu pai ‘tem um discurso igualmente explosivo, como se a sua boca estivesse cheia’ Freud subitamente interrompe a sua carta para proferir uma exclamação de deleite científico:*

*Habemus papam!” (208)*

É óbvio que este tipo de argumentação não poderia levar senão a um fortalecimento psicológico sobre o carácter verdadeiro das teorias de Freud independentemente do tipo de doentes e da validade dos diagnósticos. Tal como Torquemada não podia ser posto em causa pela renitência dos infieis que se recusavam a confessar, também Freud não podia ser considerado responsável pela resistência que os seus pacientes ofereciam à cura. Porque essa resistência era perfeitamente natural da sua parte. Ela era o resultado da má vontade do paciente, má porque é incapaz de reconhecer a verdade, má porque é causa de uma doença, e tendo o doente o controlo da doença não podemos deixar de concluir que é o próprio doente que é mau por não se curar, quando a cura está apenas nas suas próprias mãos.

### **A teoria dos sonhos**

A arbitrariedade que encontramos nas divagações de Freud enquanto psicanalista encontram-se também na sua teoria da interpretação dos sonhos e na sua teoria do inconsciente. Não iremos abordar aqui a teoria do inconsciente. Em relação à interpretação dos sonhos iremos apenas citar dois exemplos. A ideia central de Freud é que o sonho é *sempre* a realização de um desejo. Esta ideia não é plausível já que os sonhos por vezes apresentam um carácter muito diverso. Uma das críticas que foi apresentada a Freud foi precisamente o facto de haver sonhos que parecem ser o oposto da realização de um desejo. Pelo menos em duas ocasiões Freud interpretou estes contra exemplos de uma forma bastante audaciosa: estes sonhos seriam também eles realizações de um desejo, embora de um desejo específico, o desejo de rebater a teoria freudiana. Só mais tarde Freud iria introduzir a explicação masoquista

O segundo aspecto encontra-se perante a dificuldade de encontrar significados adequados para os supostos símbolos que o sonho encerra. Mesmo perante o número infinito de interpretações possíveis, mesmo para os sonhos mais curtos e simples, Freud apela a estratégias, como a frases que podem traduzir certos objectos, para depois modificar essas frases de modo a dar o resultado pretendido. Desta forma a interpretação de um sonho torna-se uma brincadeira onde qualquer resultado pode ser retirado de qualquer sonho. Que isto de facto foi feito por Freud é tornado claro pela crítica de Webster.

Tal como no caso das explicações para os sintomas da histeria, estamos claramente perante uma teoria arbitrária, cuja única ‘vantagem’ é ser apelativa. Vamos agora passar à última parte do nosso trabalho, onde procuraremos explicar o carácter apelativo da teoria freudiana.

### **Psicanálise e Religião**

A tese referida por Webster (mas já mencionada por muitos outros entusiastas e críticos da psicanálise) de que há uma proximidade muito grande entre o mito do Pecado Original e o mito da sexualidade infantil parece-me de longe a mais interessante do livro de Webster (já que o resto não altera nem pode alterar a validade das teorias da psicanálise). No entanto, uma vez que a sexualidade infantil é ainda muitas vezes referida como um facto devemos primeiro proceder à explicação da sua génese no pensamento de Freud. Como já dissemos esta teoria é uma aplicação do modelo de Haeckel. Este partiu da observação do desenvolvimento do feto humano para de-

rivar correctamente que o feto passa por todas as fases de evolução animal pelas quais o homem passou. A teoria de Haeckel avança um passo quando afirma que o desenvolvimento intelectual também tem uma evolução análoga (i.e. que repete a evolução 'psicológica' do reino animal). Assim, uma criança de dez semanas teria a mentalidade de uma aranha, com um ano teria a psicologia de um elefante (passando, pelo meio, pela dos peixes, reptéis, etc.) (231).

Segundo esta teoria seria plausível pensar que as crianças passassem por várias fases sexuais que corresponderiam ao modo como os vários animais se reproduzem sexualmente, como o próprio Freud afirma (Cf. pp.232-4). Por outro lado, esta hipótese de que as crianças tivessem já uma sexualidade desde muito cedo permitiria resolver certos problemas na teoria de Freud, já que, se é verdade que as neuroses se devem a desejos sexuais recalçados, é evidente que, se queremos colocar esses desejos na infância devemos assumir que existe uma forma de sexualidade já nas crianças.

A proximidade da perspectiva Judaico-Cristã é, também neste aspecto bastante esclarecedora. Porque, na mentalidade religiosa da idade média, as crianças não eram vistos como seres puros e inocentes. Pelo contrário

*“é a própria essência da doutrina do Pecado Original [pensar] que as crianças não vêm ao mundo e, depois, aprendem como pecar, mas que vêm ao mundo trazendo a sua sensualidade pecaminosa com elas. A atitude de Freud em relação à infância, longe de ser tão inovadora que ninguém tinha pensado nela, era de facto são velha que muitos já tinham conseguido esquecer-la. Na Idade Média acreditava-se que a criança recém nascida, não estava apenas contagiada [polluted] pelo contacto com o corpo impuro da mãe – uma das filhas de Eva – mas estava de facto possuída pelo Diabo. Era por esta razão que o ritual tradicional do baptismo infantil incluía a cerimónia do exorcismo.” (330)*

A reintrodução desta concepção por Freud e o seu desenvolvimento por psicanalistas como Klein, levou a que voltássemos a considerar as crianças como um centro 'energias sexuais e agressivas'.<sup>25</sup> Freud afirma mesmo que

*“nós não chamamos uma criança de má mas de malandra [naughty]; e ela não é mais responsável pelas suas más acções no nosso julgamento do que aos olhos da lei. E é certo que assim seja; porque podemos esperar que, antes do fim do período que consideramos a infância, impulsos altruísticos e a moralidade venham a despontar no pequeno egoísta e ... um ego secundário venha a suplantá-lo e a cobrir o primeiro... Se esta moralidade falha em se desenvolver falamos de 'degenerescência'” (332)*

A afirmação de Freud é espectacular porque resume, em poucas palavras, a teoria do Pecado Original expressa agora por uma necessidade absoluta de redenção. E no entanto, como é óbvio esta perspectiva está claramente errada. Tal como Webster nos mostra através das palavras de Klein:

*“Qualquer outro veículo de ataque sadístico que a criança emprega, tal como o sadismo anal e o sadismo muscular é, em primeira instância, levado contra o seio frustrante da sua mãe, mas é rapidamente conduzido ao interior do seu corpo, que se torna então o objecto de todos os instrumentos, altamente intensificados, de sadismo. Em análises anteriores estes desejos destrutivos, anaisádicos, da criança pequena alternavam constantemente com desejos de destruir o corpo da sua mãe, devorando-o e molhando-o, mas o seu objectivo original de destruir e comer o seu seio é sempre distinguível neles.” (328)*

Tal como Webster refere estas fantasias não correspondem a fantasias de crianças mas de adultos, não é, parafraseando Webster, porque de Sade permaneceu sempre uma criança que sujeitou mulheres à tortura, mas porque era um homem, completamente adulto mas cruel. Tal como no complexo de Édipo projectamos os desejos sexuais dos pais nos filhos, invertendo a situação também aqui acabamos por projectar a nossa própria personalidade mais 'suja' e desagradável nas crianças, afirmando-nos como diferentes delas.

A psicanálise, seguindo o modelo do Pecado Original, desenha um homem permanentemente doente, que peca inevitavelmente no decurso da sua infância, e cuja cura só está disponível se

---

<sup>25</sup> Citação de Freud, Webster, p.327.



estiver disposto a aceitar o seu envolvimento nesse processo, do qual ele, a maior parte das vezes não tem consciência, mas que precisa de aceitar, para se salvar. O psicanalista é visto assim como o salvador a que o paciente tem de se submeter moralmente para atingir a redenção. Nesta perspectiva não é estranho o papel que a confissão desempenha na psicanálise. Sendo real ou imaginária, é através dela que o paciente se submete ao seu mestre e seguindo os seus conselhos, atinge a salvação.

Webster apresenta vários pontos de ligação entre a confissão no consultório e a do confessor, julgamos que os temas que apresentámos até aqui, embora estejam longe de ser uma exposição completa dos pontos interessantes apresentados por Webster a respeito da psicanálise (sobretudo no que se refere a esta última parte) contribuem para esclarecer a inutilidade científica de toda a psicanálise e abrimos caminho para justificar em parte a alegação que fazíamos na síntese de que a psicanálise é uma teoria familiar e reconfortante onde o homem alcança (o que não acontece nas teorias pluralistas da natureza humana) uma perspectiva clara sobre o bem e o mal, e sobre o caminho da salvação. A perspectiva de que a culpa se traduz na ausência de sanidade mental, e que o inferno se encontra nos hospitais psiquiátricos, embora menos colorida é certamente muito mais assustadora.

## *Adenda ao trabalho*

Esquisto do argumento do livro *Why Freud Was Wrong* de Richard Webster

apresentado ao Professor Nuno Nabais  
para a cadeira de Epistemologia das Ciências Sociais.

09/03/1998

---

Apesar de termos utilizado, para o nosso trabalho, algumas dezenas de horas em leituras, foi escasso o tempo que podemos dedicar à escrita do trabalho (não foi possível rever o texto). Mesmo assim, no caso da biografia de Freud penso que ficaram claros os pontos mais importantes. O mesmo não aconteceu em relação à última parte do trabalho, onde nos parece que o argumento de Webster não foi explicitado. Por outro lado, esta tese de Webster, ao contrário da parte biográfica, contém um conjunto de pontos que na altura não nos pareceram inteiramente claros e que agora nos parecem duvidosos. Por isso vamos dividir esta Adenda em duas partes, uma expositiva e outra crítica.

### **Parte Expositiva**

São dois os vértices de aproximação que Webster aponta entre o pensamento de Freud e a tradição Judaico-Cristã. Uma certa concepção da natureza humana – onde o ‘pecado’ ocupa um lugar central – e o processo de cura – onde a confissão e o castigo ocupam o papel essencial na cura do doente/pecador. Estes temas são tratados especificamente nos capítulos 15 e 16 (e princípio do 17), como forma de explicar o sucesso da teoria de Freud.

O primeiro tema – sobre a concepção da natureza humana – é introduzido próximo do final do capítulo 14 com a seguinte questão:

*“A teoria da sexualidade infantil foi com efeito adoptada como credo da igreja Freudiana. Aqueles que a abraçaram foram aceites. Aqueles que o não fizeram foram rejeitados. ... A teoria da sexualidade infantil foi inteiramente baseada numa pseudo ciência [false science] e elaborada por uma lógica falsa [spurious logic]. No entanto, apesar das suas deficiências, não só sobreviveu como serviu de fundamento teórico a todo o movimento psicanalítico. A questão que inevitavelmente se coloca é como é que uma teoria tão frágil e mal concebida pode ter vindo a ocupar uma posição de tão elevada importância, e porque é que conseguiu atrair gerações sucessivas de seguidores”. (310)*

A resposta que Webster dá, logo de seguida, e que fundamenta nas 23 páginas seguintes, é que, aparentando ter uma base científica, a teoria da sexualidade infantil correspondia a uma visão tradicional do homem que tinha deixado de ser plausível. A roupagem científica que Freud conseguiu dar a essa visão permitia agora justificar as crenças que a sociedade, implicitamente, já aceitava mas que tinha progressivamente deixado, com o Iluminismo e a teoria de Darwin, de poder explicar. É com esse poder explicativo, que parecia permitir atingir uma maior consistência entre a visão tradicional e a ciência, que a teoria da sexualidade infantil parece conseguir seduzir os seus adeptos.<sup>26</sup> Webster<sup>27</sup> desenvolve assim uma interpretação do trabalho de Freud diametralmente oposta à interpretação do próprio Freud, que via a sua teoria como a ‘terceira ferida narcísica’ a

---

<sup>26</sup> Webster afirma também, de passagem, que a teoria de Freud “era completamente adequada às culturas Judaico-Cristãs do século XX” porque “ao contrário das versões mais antigas da teoria [tradicional do mal], era completamente compatível com as doutrinas da liberdade individual” (332).

<sup>27</sup> E também John Wren-Lewis, *Psychoanalysis Observed*. Cf. Webster, p.320.

seguir à revolução Copérgnica e às descobertas de Darwin.<sup>28</sup> Como é evidente esta não é uma tese apenas sobre a teoria do próprio Freud mas também do significado que podemos retirar da imagem que, depois da biologia e da física contemporâneas, o mundo reflecte.

Como já notámos no nosso trabalho, na p. 16, Webster vê a teoria da sexualidade infantil como a tentativa de projectar uma vida de pecado na fase infantil. Esta perspectiva, torna-se mais plausível quando verificamos que, na psicanálise, todas as crianças, além da mentira, são acusadas de desejar a fornicção e o homicídio.<sup>v</sup> Ora, esta perspectiva de um pecado horrível e irrecusável (porque extensível a toda a espécie humana) que marca as nossas vidas, é interpretada (por Freud) como um claro sinal de que precisamos de nos curar / redimir.

É um sinal de que estamos todos doentes e a precisar de tratamento. Essa cura manifesta-se pela sublimação, pela condenação, pela capacidade de 'rejeitar certos instintos', tal como Freud afirma:

*"libertamos a sexualidade através do nosso tratamento, mas não para que o homem seja a partir de agora dominado pela sexualidade, mas para tornar uma supressão possível – uma rejeição dos instintos sob o olhar de uma instância mais elevada... Nós tentamos substituir um processo patológico pela rejeição."*<sup>29</sup>

Por vezes a cura dá-se naturalmente, através dos mecanismos normais que nos levam da infância à idade adulta, outras vezes, no consultório – se não queremos a cura é porque somos tão repelentes que nem a psicanálise se aplica a nós, mas apenas o desterro.<sup>30</sup> No entanto a ideia que dá sentido a esta possibilidade de 'cura' é a do carácter repelente da nossa animalidade. (Porque o que está em causa não é uma disfunção ou a *incapacidade* de realizar um objectivo, mas a legitimidade de um *desejo*.) E é neste carácter pecaminoso da sexualidade, da animalidade, que reside a proximidade com o modelo Judaico-Cristão. Uma proximidade que se prolonga à duração do processo de cura, já que como não podemos eliminar estas facetas necessitamos de uma 'interminável análise' (352), (ou de um interminável arrependimento).

Vamos agora expor aquilo que Webster considera como o segundo vértice de aproximação entre a psicanálise e a tradição Judaico-Cristã.. Webster introduz, no início do capítulo 16, o tema da confissão de uma maneira análoga à que utilizou para a sexualidade infantil. Começa por afirmar a exigência, introduzida por Freud, de cada novo analista de ter de submeter à psicanálise, para explicar a importância da confissão como modo de assegurar uma dependência psicológica face ao analista. Concluindo depois que esta dependência teria tido um papel substancial na manutenção da unidade do movimento psicanalítico.

Webster começa por diferenciar dois níveis em que essa semelhança ocorre. Em primeiro lugar aquilo a que se pode chamar uma semelhança externa e que tem sido aceite de forma geral e até pelo próprio Freud (336-7). Essa semelhança abarca vários níveis: por exemplo, o tipo de questões colocadas são semelhantes; tanto no confessor como no consultório se fala de coisas que dificilmente estaríamos dispostos a admitir em frente de outros, quer porque aí nos sentimos livres para contar segredos, como por ser exigido que falemos das partes mais íntimas das nossas vidas,<sup>31</sup> admitindo por vezes coisas que somos incapazes de admitir para nós próprios. Por outro lado, o papel do confessor e do psicanalista são também semelhantes: orientar e, normalmente, perdoar. Tal como o próprio Freud refere.<sup>32</sup>

Webster passa depois a apresentar um nível mais profundo onde essa semelhança ocorre.<sup>33</sup> A tese de Webster é que nas duas tradições a confissão gera uma grande dependência face ao confessor, que é visto como um representante de Deus ou, no caso da psicanálise, como o próprio Deus. Podemos esquematizar o argumento de Webster do seguinte modo:

<sup>28</sup> Cf. artigo sobre Freud na *Logos*, Vol. II, pp.754-9, por M. Viegas Abreu.

<sup>29</sup> A citação é repetida nas pp. 4 e 312. Cf. também a citação de Freud na p. 351.

<sup>30</sup> A ideia é veiculada por Freud (Cf. Webster, pp. 324-5)

<sup>31</sup> V. o exemplo que Webster dá de um modelo confessional, com perguntas e possíveis respostas, do séc. XIII, p. 336-7.

<sup>32</sup> Cf. citação de Freud, p.336, onde afirma que o psicanalista é como um 'pai confessor, que dá a absolvição...'

<sup>33</sup> Apresentada entre as pp.337-53.

- (Tese psicológica) Há várias facetas de nós, umas que sabemos que os outros aceitam e apreciam, outras que julgamos tão repugnantes que pensamos que, se as admitíssemos à frente de terceiros, seríamos imediatamente rejeitados.<sup>34</sup> No entanto, ao esconder de todos a nossa falta estamos a afastar a possibilidade do *reconhecimento* dessa parte de nós pelos outros. Webster cita casos em que essa falta de reconhecimento é muito angustiante e produz sentimentos de irrealidade, e pode ser tão forte que por vezes estamos dispostos a aceitar a morte como paga pela confissão (341) ou preferimos o castigo ou repressão dessa parte má,<sup>35</sup> do que a sua simples ignorância.
- A confissão permite precisamente este reconhecimento, mas, em qualquer destas duas tradições, não permite a aceitação completa. Já que o confessor reconhece castigando.<sup>vi</sup> Por exemplo, o padre no púlpito e no confessional fala do gosto pelas fezes e pela flagelação mas atribui-os ao Diabo. Fala da lascívia, do adultério, (e do riso, segundo Umberto Eco) mas associa-os à carne e portanto à morte.<sup>vii</sup>
- Por outro lado, (segunda tese psicológica) se a necessidade de reconhecimento pode levar à confissão, a confissão de facetas íntimas ou secretas leva (sempre) à necessidade do reconhecimento.
- Conclui-se portanto que, se num primeiro momento procuramos a confissão devido à esperança de alcançar o reconhecimento, quando vemos expostas as nossas partes mais íntimas e inexploradas passamos a necessitar dele. Mas o descobrimos é o castigo. As nossas partes íntimas são vistas como algo mau, que nos torna piores e desagradáveis. Ora como nos encontramos expostos, somos levados a aceitar essa visão e a procurar a aceitação perante uma reconstrução da personalidade.

Uma das consequências que Webster retira daqui é que este desejo de reconhecimento leva à criação de um laço de dependência face (ao confessor e) ao psicanalista (Webster não explica porquê<sup>36</sup>). Uma dependência, que, se não fosse o afastamento artificial do confessor/psicanalista levaria a uma situação de grande intimidade, ao erotismo ou, 'mais grave' ainda, ao amor (345). Portanto, numa relação deste tipo não pode ser permitido um envolvimento forte entre quem ouve e quem confessa. E o facto de Freud ter aconselhado uma grande distância do psicanalista face ao paciente (à semelhança da distância recomendada aos confessores), é mais um indicador da semelhança entre os dois rituais.<sup>37</sup>

Aproximamo-nos agora da resposta à questão que Webster colocara no início do capítulo 16. Porque, uma vez que esta intimidade – que o psicanalista deseja que o paciente necessita e que acompanha qualquer confissão – não é retribuída, restaria ao paciente o abandono do consultório. Webster afirma no entanto que esse abandono não é desejado porque o analista adopta um comportamento parecido ao de um Deus<sup>38</sup> o que aumenta a dependência. Abandonar a consulta significaria portanto deixar ao psicanalista a 'posse de alguns dos mais íntimos elementos da sua identidade sem saberem qual o seu julgamento sobre eles.' (350). Resta portanto aos pacientes tentar perceber os mínimos sinais de agrado ou desagrado do seu médico para descobrir o seu juízo, acabando muitas vezes por O considerar como o 'modelo segundo o qual tentam reconstruir a sua personalidade' (351).<sup>viii</sup>

Mas como esta reconstituição não pode anular mas apenas condenar algumas facetas da personalidade ela, não elimina mas perpétua o sentimento de culpa (352), e, portanto, também o sen-

---

<sup>34</sup> Um exemplo simples é o da mentira, da traição ou roubo; mas talvez seja mais óbvio pensar no homicídio.

<sup>35</sup> O que explicaria, pelo menos em certos casos, o masoquismo (342).

<sup>36</sup> A 'explicação' de Webster encontra-se na p. 347, mas é mais uma afirmação do que uma explicação: 'porque só desta maneira [sendo íntimos] poderão garantir que os elementos 'sujos' da sua identidade ... não serão rejeitados.'

<sup>37</sup> Webster não afirma que a psicanálise seja um 'ritual'.

<sup>38</sup> Cf. pp.350-1. Note-se que Webster utiliza um retrato usado por Ernest Jones, que parece corresponder ao de um psicanalista, mas que de facto serve para descrever o que Jones chama "*the God Complex*". Nesse retrato, o psicanalista é alguém que não se revela que rodeia de mistério e significados ocultos todos os seus actos e factos referentes à sua vida pessoal, mesmo os mais insignificantes, como se escondesse a resposta a um grande enigma.

timento de devoção (tornando interminável, entre outras coisas, a necessidade da análise). Webster tenta mostrar, no início do capítulo 17 como esse papel de Deus foi desempenhado por Freud, não só em relação aos doentes, mas também aos próprios seguidores. A exigência inicial de, para entrar no movimento, aceitar a teoria da sexualidade infantil estendeu-se rapidamente à de fazer psicanálise com Freud ou dos seus seguidores mais próximos. Observamos portanto a criação de uma relação de amor e de profunda admiração em relação ao próprio Freud, estavam portanto criadas as sementes para o desenvolvimento de um movimento apaixonado e dogmático, que por baixo da capa da ciência advogava uma velha moralidade.<sup>39</sup>

## Parte Crítica

Talvez o problema maior da exposição de Webster seja a maneira como simplifica a tradição de pensamento 'Judaico-Cristã'. De facto, os temas que apresenta, relativamente à sexualidade infantil, ou ao significado da confissão, não parecem ser consensuais dentro desta tradição, que, afinal parece ser melhor caracterizada, em quase tudo, pelas divergências no seu seio (não só entre Protestantes e Católicos, mas também entre os Judeus e os Cristãos). Quando por exemplo Webster atribui a Agostinho o mito do Pecado Original, com a consequente visão da infância como algo negativo, parece estar a fazer uma enorme distorção da história. Do mesmo modo a visualização das crianças como aquilo que está mais próximo dos inocentes anjos não parece apenas um modo de esconder uma visão clássica da infância como algo intrínseca e intensamente mau. Pelo contrário, tal como diversos movimentos dentro da Igreja deram origem a posições inicialmente heterodoxas e disruptoras em relação, por exemplo, ao dinheiro que a Igreja deve possuir, também parece haver, em quase todos os assuntos, posições divergentes e muitas vezes opostas que só a custo e nalguns casos puderam ser uniformizadas.<sup>40</sup> Parece que por trás da afirmação de Webster de que desconhecemos as nossas raízes (Introdução) se esconde também um reparo pessoal.<sup>41</sup>

Por outro lado, a explicação que Webster dá nos capítulos 14 a 17 para o sucesso da psicanálise é diferente da que apresenta na Introdução, e, parece-nos, bastante menos convincente. Porque, apesar deste último argumento tentar mostrar que a psicanálise é familiar, não se percebe porque deve ela ser *por isso* atractiva. Em parte essa justificação talvez se encontrasse na ideia de Webster (referida no nosso trabalho p.16) de que os seguidores da psicanálise têm uma maneira de se livrar dos seus 'defeitos' projectando-os nas crianças e também noutras raças/pessoas/carácter (325-7). Mas há maneiras certamente muito mais simples de projectar os nossos defeitos nos outros. E não é claro que seja agradável estar a projectar na minha própria meninice os defeitos que não gosto de ver em mim.

Embora a análise do papel da confissão na psicanálise e na Igreja tenha muitos pontos de interesse, ela também não parece resolver o problema do apelo que a psicanálise parece possuir. Pelo contrário, porque é relativamente fácil compreender desde o início que não vamos ter uma relação de intimidade nem uma atitude de aceitação, quer com o padre quer com o médico. O que torna menos plausível a explicação que Webster dá das razões que nos levam a um ou outro.

Por outro lado, as explicações que Webster deu na Introdução pareciam mais convincentes. Porque, parece-nos que a principal vantagem do sistema de Freud é que *parece* libertador, ela apresenta-se com um carácter aparente de arrojo e novidade. De facto podemos olhar para Freud como se ele fosse um herói de uma tragédia grega, capaz de olhar a mais triste realidade, não em silêncio, mas com um escopro com que vai cinzelando uma descrição do que até agora nos cau-

---

<sup>39</sup> Uma necessidade que parece ter sido sentida por Freud dado que parece por vezes que a *única* característica necessária para entrar no movimento seria ter um certo tipo de relação com Freud (v.pp.356-7).

<sup>40</sup> Parece relativamente claro que Webster não se refere a um movimento dentro da ampla tradição do 'movimento Judaico-Cristão'. Por um lado, porque o opõe ao racionalismo das Luzes. Por outro, porque na Introdução utiliza a metáfora de alguém que descobre a psicanálise como um explorador que saindo por mar em busca de um novo continente, acaba por regressar ao seu velho continente, mas, por falta de um bom mapa, acaba por ver, nas colinas já exploradas, as selvas de um novo mundo.

<sup>41</sup> É um sinal disto que Webster associe as nossas raízes culturais às visões do Céu e do Inferno ou do dia do Juízo Final. Ora, pelo contrário, é nas grandes obras, pelo seu valor intelectual e retórico, que parece que as nossas raízes culturais se derivam e se justificam.

sava horror ver. Seguindo a visão de Freud somos todos heróis, somos todos capazes de ver e enfrentar a nossa horrível faceta, todos aqueles momentos e actos que queríamos poder esquecer, mas que, através do olhar, podemos superar pela simples rejeição racional.

Neste aspecto a teoria de Freud *parece* semelhante às teorias de Darwin e Newton, que nos libertaram num mundo aparentemente sem qualquer sentido, causa ou finalidade. E por nos aproximar dessa natureza de que nos tínhamos afastado tanto. Seria, nesta perspectiva, não um regresso à ortodoxia, mas o primeiro modelo do homem como animal em parte racional.

É claro que a perspectiva de Freud é o fruto de uma imaginação descuidadamente incontrolada. Mas não ficámos convencidos de uma das tese principais de Webster: a de que a atracção da ideia de Freud se deve ao regresso à ortodoxia. Este pode ser um facto que tornou a teoria mais aceitável na época em que foi produzida, mas dificilmente a poderia tornar tão desejável aos olhos de tantos. É antes aos seus aspectos novos, à descrença que adquirimos em relação ao nosso próprio valor e significado e à necessidade de um novo ideal que descreva essa nova natureza humana que temos de considerar se queremos compreender como é que uma teoria tão espúria pode ter sido tão amplamente enraizada.<sup>42</sup>

Outro aspecto que pode ter levado ao desenvolvimento da psicanálise é que ela, de facto, tornou-se – embora para explicar, condenando, certas práticas – um instrumento de divulgação e desestigmatização da sexualidade. Não só porque a introduziu no domínio da discussão legítima, mas porque considerou que falar sobre a sexualidade era o elemento fundamental da cura. Falar de masturbação, certas posições, e ‘perversões’ passou, de um atentado à dignidade, a uma necessidade médica. É sobretudo nestes aspectos positivos e não na semelhança com tradições que, globalmente, são inexistentes, que nos parece que se encontram algumas razões do sucesso da teoria de Freud. Isto não nega que a teoria de Freud seja, de facto moralista e, aos nossos olhos, conservadora, e que possa criar dependência (através da confissão) e deformar a personalidade mergulhando-a num mar de culpa permanente, mas significa que não foi *isso* que a tornou apelativa.

Hoje, quando já não há tantos tabus em relação ao relacionamento sexual, é quase impossível concebermos a perspectiva da psicanálise sem regressarmos a uma visão que é, comparativamente, mais repressiva. Porque como a sexualidade é hoje, pelo menos parcialmente, motivo de alegria, criatividade, diversão e divulgação seria difícil imaginá-la como a causa de neuroses e tratamento médico. Hoje, sabemos que não se resolvem problemas sexuais substituindo a repressão pela condenação, mas fazendo sexo e falando sobre as suas técnicas e problemas específicos com pessoas competentes. Em grande parte o aparecimento do sexólogo tende a substituir o do psicanalista. E as práticas sexuais arrojadas (já sem falar da masturbação) passaram em grande parte do campo das perversões para o das finalidades. É portanto concebível que seja o movimento em direcção à liberdade sexual que tenha colocado a psicanálise no pedestal em que esteve até há pouco tempo, e que seja agora também ele condená-la como espúria.<sup>43</sup>

Outro aspecto que não ficou para nós claro é a amplitude da aceitação que Webster prescreve para certo tipo de fantasias sexuais. É a questão de saber se podemos estabelecer limites para a *normalidade* da imaginação sexual sem cair nos mesmos problemas da teoria de Freud. Webster parece defender uma concepção do homem é que a imaginação sexual não é ser vista como um pecado mas como fruto da riqueza da imaginação humana e que a sua aceitação total só é possível desta forma. Mas desta forma – se criarmos um modelo de natureza humana que não faça uso da noção de pecado – parece difícil condenar alguns tipos de fantasias. Porque, se não interferem com a liberdade de ninguém nem representam para o sujeito uma incapacidade ou disfunção, como as havemos de condenar ou tentar modificar?

Ora pode parecer que não é necessário condenar certos tipos de comportamento e certas fantasias mesmo desde que não interfiram com a liberdade de outros. A *Internet*, entre os gigabites de dados que disponibiliza, oferece-nos (ou ofereceu) gratuitamente a visão de um certo tipo de

---

<sup>42</sup> O próprio Webster refere, como dizemos nesta adenda, na n. 26 que a teoria de Freud é a mais adequada, mas estes aspectos que podem ser mais empolgantes são, referidos ou de passagem ou apenas na Introdução, não preenchendo eles, no texto, o lugar de relevo que deveriam possuir.

<sup>43</sup> Note-se que Webster é claramente um liberal no domínio da sexualidade (veja-se por exemplo os livros de Nancy Friday incluídos na Bibliografia).

pornografia que se apresentam aos nossos olhos tão absurdas como provavelmente certas palavras latinas soariam na corte de D. Manuel (por exemplo). Falo por exemplo de imagens de banda desenhada filmes ou fotografias que descrevem cenas de tortura, desmembramento, canibalismo e homicídio apresentadas com requinte como se fossem a última palavra em termos de performance sexual, a forma mais elaborada, eficaz e última de atingir o paroxismo sensual.

Estas fantasias não se encontram certamente apenas na Internet. Elas são correntes já na Idade Média, embora tenham sido remetidas para longe da vida humana, podemos pensar nelas como visões sofridas noutra mundo (no Inferno) e produzidas por alguém muito diferente de nós. Nessas visões o prazer retirado do sofrimento é sempre experimentado na pele de outra pessoa, nós somos aqueles que sofrem, mesmo que imaginemos o prazer que sente o Diabo podemos sentir-nos seguros pela nossa diferença ontológica.

Mas imaginar o inexorável sabor da morte (dos outros ou a nossa própria) corroer-nos de prazer, sentir o sangue, a carne e a pele, que se desfazem, tocar a nossa, sentir os olhos a esvaír-se da vida a fitar os nossos; esse sentimento de poder, prazer e dor, essa procura pela destruição, parece sem dúvida a pior ameaça que se coloca à vida futura, à sanidade, das nossas mentes.

## NOTAS:

<sup>i</sup> É claro que a posição de Popper tem sido criticada em muitos pontos. Em primeiro lugar não é claro que o critério de demarcação que Popper apresenta se aplique à ciência. Depois dos estudos de Kuhn, a actividade dos cientistas é muitas vezes apresentada como a tentativa de encaixar dogmaticamente os factos na teoria. Como a refutabilidade de uma teoria depende, não só da sua estrutura (ou seja, da sua capacidade de podermos derivar dela enunciados observacionais) mas do estatuto que lhe é concedido (i.e. uma teoria que seja vista como uma definição ou um truismo nunca poderá ser refutada mesmo que dela se derivem enunciados observacionais, já que é sempre possível encontrar explicações ad-hoc para que o falhanço de uma observação particular não seja visto como uma refutação da teoria), mesmo a Teoria da Relatividade Restrita poderia ser vista, na interpretação popperiana, como uma teoria não científica caso fosse posta nas mãos dos cientistas 'normais' de Kuhn. No entanto, esta crítica, a que Popper responde com argumentos históricos, não se aplica à psicanálise, porque tal como Popper afirma (ver referência anterior) a psicanálise, ao contrário do marxismo ou da astrologia, não é refutável porque não é possível encontrar contra exemplos. Não é apenas o estatuto atribuído à teoria pelos seus membros que impede a refutação, mas a sua estrutura. Assim, mesmo que não concordemos com a validade do critério da demarcação de Popper temos de conceder o carácter não empírico da psicanálise.

As outras críticas feitas a Popper, sobretudo ao nível do abandono total de um princípio da indução ou dos problemas que se levantam devido ao carácter teórico das observações elementares, parecem, aqui, irrelevantes.

<sup>ii</sup> Webster acredita que a teoria de Freud não pode ser abandonada sem ser substituída por uma outra, apoiando-se para isso em Kuhn (Cf. p. 440). E, embora afirma que não se irá dedicar a construir uma teoria psicológica alternativa (12) dedica a terceira e última parte do seu livro a tecer considerações sobre a possibilidade e a necessidade de criar um modelo do comportamento humano 'Darwiniano' (ao contrário do modelo 'Lamarckiano' de Freud – Webster não explica muito bem esta diferença). Nesta perspectiva, para nos convenceremos que Freud está errado precisamos de ter uma teoria alternativa correcta nas nossas mãos. Mas esta perspectiva é mais convincente quando aplicada à ciência do que quando aplicada a uma pseudo-ciência.

<sup>iii</sup> Para uma descrição vívida dos homens que efectuaram a 'revolução copérgnica' e seus objectivos ver Arthur Koestler, *The Sleepwalkers*. Koestler refere o modo como o misticismo desempenhou um papel fundamental no pensamento de Kepler e o modo como procurou as observações astronómicas mais exactas e como deixava que a evidência dos dados pusesse de rastros teorias que levavam décadas a construir. O seu objectivo não era tanto ser conhecido pelas suas teorias (ao contrário de Galileu) mas de 'conhecer o pensamento de Deus'. Algo de que uma teoria falsa é absolutamente incapaz de fazer. É sobretudo a Kepler que devemos a revolução copérgnica. Para uma apreciação da importância de Kepler e do trabalho relativamente mais simples de Newton Cf. Feynman, Lição *The Motion of Planets Around the Sun*, de 13/03/1964, CD fornecido gratuitamente durante algum tempo pela Gradiva juntamente com um dos seus livros.

<sup>iv</sup> V. pp.220-4, esp. p.223 onde se descreve a atitude de Freud em relação a Benjamin Ry, um crítico de Fliess, que afirma, a propósito do livro onde estas ideias de Fliess tinham sido expostas:

*“Depois de termos laboriosamente lido este trabalho [worked one’s way through this work], o qual, em vista do seu reduzido conteúdo é bastante volumoso, retemos na memória apenas uma asserção positiva – que é possível remover as dores do parto pela cocainização de certas partes da mucosa nasal. O leitor, tendo feito certas inquirições em clínicas de obstetrícia, aprendeu que experiências a este respeito ... não conduziram a resultados positivos; portanto qualquer necessidade de discutir mais profundamente este aspecto do trabalho de Fliess é obviado. O resto do que o livro contém nada tem a ver com a medicina ou a ciência natural. Porque se alguém nos nossos dias procura tornar este tipo de misticismo sem sentido que aspira a um estatuto intelectual, [intelectual wealth] capaz de discussão, a tentativa afunda-se pela realização de que não é objectivo da ciência embarcar na crítica das criações da fantasia de cada autor, já que essas investigações vazias não podem ser nem confirmadas nem refutadas.” (223)*

É significativo que Freud caracterize esta crítica – perfeitamente plausível ao nosso olhar e também, certamente, ao olhar de muitos contemporâneos de Freud – como “esse tipo de impertinência que é característica da absoluta ignorância.” Como Webster refere “Três anos mais tarde, em 1901, Freud ainda exprimia a opinião de que o livro de Fliess continha uma ‘descoberta biológica fundamental’.”

<sup>v</sup> Parece-nos que esta explicação da psicanálise se pode tornar mais plausível por se tratar de ‘pecados’ contra os pais, já que a relação com os pais passa por momentos de grande intensidade. Assim, entre estes dois pólos do amor e do ódio, poderíamos encontrar alguns momentos onde se pudesse então representar,



---

embora de modo obscuro, uma correspondência entre a teoria e a realidade. A obscuridade da coerência entre teoria e experiência, que em qualquer teoria científica seria um estímulo para a sua refutação, é aqui uma evidência da sua correcção, devido, em parte ao papel do Inconsciente e ao carácter bizarro que nos habituamos a procurar na ciência como sua marca distintiva.

<sup>vi</sup> É claro que, como estabelecemos no ponto anterior, o castigo é uma forma de reconhecimento que pode aliviar a angústia provocada pela ausência de reconhecimento. No entanto, a aceitação é diferente do reconhecimento já que a primeira exige a não condenação. Webster *afirma* que, para considerarmos que os impulsos carnisais fazem parte da 'identidade humana' precisamos não só de os reconhecer mas também de os aceitar, (cf. p. 322), mas essa afirmação parece envolver alguns paradoxos (porque parece que a concepção de identidade humana pode incluir aspectos negativos).

<sup>vii</sup> Cf. (344). Parece-me que é fácil estabelecer o paralelismo com a psicanálise porque assim, o psicanalista atribui os nossos sentimentos mais íntimos a desejos que são tão maus que não podemos sequer pensar em realizá-los, em admiti-los para nós próprios. O facto de todas as explicações psicanalíticas estarem associadas a uma repressão, assegura por definição que a nossa intimidade é sempre algo de muito negativo, algo que não podemos simplesmente reconhecer como mais um terreno extraordinário e espantoso de uma geografia rica e variada. Em vez de algo passivo que podemos ou não contemplar, a sexualidade transforma-se numa entidade autónoma, com desejos e pulsões que por vezes extravasam a sua área específica e nos roubam o controle das nossas vidas. É essa besta, esse monstro que a psicanálise se dedicou a controlar.

<sup>viii</sup> Se a análise de Webster sobre a confissão estiver correcta, pode ser que a interpretação tripartida da mente humana (em Ego, Id e Superego) descreva, de facto uma certa realidade. O id é o desejo do doente em adquirir a intimidade, o ego é a história que o doente conta na consulta e o super ego, é claro, é o psicanalista, que tem como finalidade compatibilizar o eu (a visão do eu que o doente traz para a consulta) com a sociedade.